



LOURENÇA

Lourença tinha três irmãos. Todos aprendiam a fazer habilidades como câezinhos, e tocavam guitarra ou dançavam em pontas dos pés. Ela não. Era até um bocado infeliz para aprender, e admirava-se de que lhe quisessem ensinar tantas coisas aborrecidas e que ela tinha de esquecer o mais depressa possível. O que mais gostava de fazer era comer maçãs e deitar-se para dormir. Mas não dormia. Fechava os olhos e acontecia-lhe então uma aventura bonita, e conhecia gente maravilhosa. Eram as pessoas que ela via no cinema ou que ela já tinha encontrado em qualquer parte, mas que não sabia quem eram. Não gostava de ninguém que se pusesse entre ela e a imaginação, como um muro, e a não deixasse ver as coisas de maneira diferente. Não gostava que lhe tocassem e, sobretudo, que a gente grande pesasse com a grande mão em cima da sua cabeça. Apetecia-lhe morder-lhes e fugir depressa. Mas não fazia nada disso. Ficava quieta e olhava para a frente dela, cheia de seriedade. Isto tinha o efeito de causar estranheza, e diziam sempre que

ela era uma menina obediente e sossegada. Mas retiravam a mão. Tinham-lhe posto o nome de «Dentes de Rato», porque os dentes dela eram pequenos e finos, e pela mania que ela tinha de morder a fruta que estava na fruteira e deixar lá os dentes marcados.

— Já aqui andou a «Dentes de Rato» — diziam os da casa, escandalizados. Viravam e reviravam as maçãs, e em todas havia duas dentadinhas já secas e onde a pele mirrara. Era uma mania que ninguém podia explicar.

Durante seis semanas, Lourença vivia na praia com os irmãos. Eram três, como eu disse. Artur, o mais velho, que tinha uma vida misteriosa, como todos os rapazes de doze anos; Falco, que era Francisco, e ainda fazia toda a espécie de asneiras, mesmo a de beber tinta de escrever vermelha porque lhe parecia uma bebida agradável, ou comer sabonete, e coisas assim. E, por fim, o terceiro, uma rapariga, muito mais velha e que se parecia extraordinariamente com uma pessoa adulta. Lourença nem a considerava uma irmã. Passava o tempo a mudar de roupa, a ocupar o telefone com conversas incompreensíveis e a ler livros em voz alta. A isto ela chamava estudar. O nome dela era Marta, mas preocupava-se muito a esse respeito e mentia, dizendo umas vezes que se chamava Helena, outras vezes que era Diana. Sofria enormes desgostos com coisas em que ninguém reparava, e era capaz de chorar durante duas horas porque o pai se rira do seu penteado ou duma palavra difícil que ela dizia, pondo-se muito tesa e com a cabeça de lado, como se estivesse num poleiro. Lourença olhava para ela e achava-a uma senhora. No entender dela, uma senhora era a coisa mais aborrecida que há.